

# O PASSADO BATE À PORTA: AS MARCAS DO EVOLUCIONISMO EM "VISÃO DE CONJUNTO DAS NEUROSES DE TRANSFERÊNCIA"

## THE PAST KNOCKS ON THE DOOR: THE TRACES OF EVOLUTIONISM IN "OVERVIEW OF TRANSFERENCE NEUROSIS"

Vinícius Armiliato

*Pós-doutorado em Filosofia no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR, bolsista CAPES/Fundação Araucária.  
vinicius.arm@gmail.com*

**RESUMO:** A partir de formulações oriundas da biologia evolutiva presentes em trabalhos de Sigmund Freud, procuramos indicar como os processos patológicos são também lidos, em sua psicanálise, como a emergência de elementos arcaicos da história da espécie, de modo que a biologia exerceria um efeito normatizante, ou seja, forneceria um modelo de natureza o qual Freud subscreveu em certas leituras que faz de fenômenos psíquicos. Após apontar sumariamente como Freud se sustenta em ideários evolucionários, indicamos como os aplica no manuscrito de 1915 intitulado *Visão de conjunto das neuroses de transferência*. Neste manuscrito Freud apresenta de forma ampla como cada neurose está calcada em um período evolutivo da história humana, ou seja, como são reações às variações do meio, outrora foram benéficas à espécie e que, contemporaneamente não mais seriam, tornando-se assim doentias. Ao final, indica-se como as psicopatologias tendem a ser lidas enquanto emergências do passado filogenético no presente, em detrimento de nelas visualizar novos modos de existência que fazem ruptura com as tendências biológicas do passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biologia evolutiva. Psicopatologia. Filogênese. Sigmund Freud (1856-1939). Neuroses de transferência.

**ABSTRACT:** Starting with formulations from evolutionary biology present in Sigmund Freud's works, we seek to indicate how pathological processes are understood, in his psychoanalysis, as the emergence of archaic elements in the history of the species, so that biology would have a normative effect in certain interpretations he makes of the psychic phenomena. After briefly pointing out how Freud argues in the field of evolutionary ideas, we indicate how he applies them in the 1915 manuscript *Overview of the transference neurosis*. In this manuscript, Freud presents, in a broad way, how each neurosis is based on an evolutionary period of human history. In the same way as they are reactions to the variations of the environment, they were once beneficial to the species. Nowadays, this would not be the case, their thus becoming unhealthy. In the end, the paper indicates how psychopathologies tend to be read as emergencies of the past in the present, to the detriment of visualizing in them new ways of existence that break with the biological tendencies of the past.

**KEYWORDS:** Evolutionary biology. Psychopathology. Phylogenesis. Sigmund Freud (1856-1939). Transference neurosis.

### CONSIDERAÇÕES INICIAS

Quando lemos *Moisés e o Monoteísmo* (FREUD, 1939), obra concluída e publicada por Freud em seu último ano de vida, vemos como as neuroses e certas manifestações culturais são amplamente entendidas enquanto efeitos de acontecimentos

do passado remoto da espécie humana.

Os indivíduos do presente se mostram marcados por ocorrências primevas, heranças filogenéticas, as quais seguiriam ecoando nas neuroses obsessivas, nas ambivalências afetivas, na relação com a religião, nas tramas familiares, entre outros campos.

Do mesmo modo, obras como *Totem e tabu* (FREUD, 1913c) e *Visão de conjunto das neuroses de transferência* (FREUD, 1915b), revelam como as neuroses e demais condições psíquicas podem ser entendidas a partir de prerrogativas filogenéticas. Nessas obras Freud visualizou estágios da evolução psicosssexual, a transmissão de acontecimentos da história da espécie ao psiquismo atual, bem como tendências evolutivas e involutivas no comportamento dos pacientes e em expressões da civilização.

Observemos que no momento de engendramento da psicanálise, mais precisamente ao final do século XIX, concepções sobre os fenômenos da vida estavam significativamente influenciadas pela publicação, em 1859, de *A origem das espécies*, por Charles Darwin<sup>12</sup>. Nesse âmbito, o estudo da filogênese das formas vivas tornava-se incontornável para aqueles que almejavam encontrar suas determinações, de modo que as características da espécie humana passaram a ser também reconhecidas como resultantes de sua história ancestral, notadamente na percepção de uma história filogenética cujos efeitos ecoariam nas manifestações do presente. Conforme Monzani indica, quando Freud começa a escrever sobre as neuroses, tal ideia, de que há um conjunto de processos do passado primevo que ecoa no presente, era um ponto comum nos meios científicos por ele frequentados<sup>13</sup>. Nesse contexto, "Freud percebe claramente que as neuroses são regressões a fases anteriores do estágio final dela (da fase genital) e que elas revelam um modo de funcionamento mental, primário, primitivo, denominado por ele o 'processo primário'" (MONZANI, 1991, p. 88).

Neste trabalho pretendemos explorar com maior detalhamento os efeitos da presença evolucionária na obra de Freud, procurando indicar mais precisamente como a biologia evolutiva normatizou leituras de Freud a respeito de certas características humanas, como a tendência psíquica a regredir a estágios anteriores da evolução

---

<sup>12</sup> Sobre o modo como o modelo de Darwin se disseminou nos estudos biológicos ao final do século XIX ver Jacob (1970), Balan (1979) e Kelly (1981).

<sup>13</sup> Como mostram as publicações de Auguste Comte, Herbert Spencer e Ernst Haeckel (MONZANI, 1991, p. 87).

filogenética em detrimento de propor variações à expressão psíquica da espécie.

Entendemos que há um viés na utilização dos conhecimentos das ciências da vida por Freud os quais viriam a normatizar elaborações que faz sobre os quadros patológicos. Conforme Georges Canguilhem apresenta em *O normal e o patológico*, a biologia, ao descrever fenômenos da vida animal que apresentam constância, reflete "a relação da ciência da vida [biologia] com a atividade normativa da vida e, no que se refere à ciência humana, com as técnicas biológicas de produção e de instauração do normal, mais especificamente com a medicina" (CANGUILHEM, 2014, p. 166). Nesse âmbito, o modelo de natureza fornecido pela biologia ofertaria a Freud certa tendência de interpretação sobre o funcionamento psíquico.

Entendemos tal investigação necessária devido à tendência em trabalhos consagrados ao estudo da presença de referenciais evolucionistas na psicanálise freudiana a visualizar equívocos conceituais sob a pena de Freud, os quais não teriam impactado em suas elaborações<sup>14</sup>. Todavia, os trabalhos de Sulloway (1992), Monzani (1991), Ferretti (2014) e Corrêa (2013) mostraram não ser justificado compreender a filogênese como algo estranho ou extrínseco à obra de Freud. Conforme formula Ferretti, as perspectivas filo e ontogenética fundamentaram a construção da diretriz metodológica de Freud, evidenciando como sua abordagem "deve - e muito mais do que se reconhece geralmente - à teoria darwiniana da evolução" (FERRETTI, 2014, p. 10). Conforme mostra em sua tese, ao longo de toda obra de Freud, há uma "diretriz

---

<sup>14</sup> Ernest Jones viu em seus usos evolucionistas "[...] um desconcertante problema no estudo de desenvolvimento das ideias de Freud, e, também, no da sua personalidade" (1989, p. 309). Jones assim atribuiu os momentos nos quais Freud se dedicou à filogênese como decorrentes de um isolamento intelectual causado pelo contexto da Primeira Guerra Mundial. Ilse Grubrich-Simitis considerou que Freud insistiu nesse modelo "[...] teimosamente durante toda a sua vida" (1987, p. 101). Na mesma direção, Ernst Kris lamentou a "[...] inflexível resistência de Freud na herança de caracteres adquiridos" (1956, p. 631). Já David Rappaport, argumentou que apesar das tendências de Freud a misturar os modelos biológicos (notadamente os de Haeckel, Lamarck e Darwin), estes não interferiram nas bases de sua teoria (RAPPAPORT, 1982, p. 11). Lucille Ritvo, autora de *A influência de Darwin sobre Freud* considerou, após minuciosa pesquisa, que: "Felizmente, o uso que Freud fez das ideias, hoje desacreditadas, da recapitulação e herança de caracteres adquiridos não foi crucial para sua teoria científica, assim como não foi para a de Darwin" (RITVO, 1992, p. 253); ou que "As especulações de Freud com essas ideias biológicas hoje antiquadas não prejudicaram, contudo, sua teoria" (RITVO, 1992, p. 254); ou ainda, que "O efeito do trabalho de Darwin sobre o de Freud parece ter sido intenso e basicamente de natureza positiva. Os equívocos de Darwin aparecem nos textos de Freud, mas não são seriamente prejudiciais" (RITVO, 1992, p. 255). Parece que, para ela, determinados recursos de Freud podem ser considerados inofensivos em relação ao que seria a sua psicanálise. Um último exemplo é o de Elisa Slavet (2007) ao considerar a aderência de Freud a um evolucionismo lamarckista na década de 1910 poderia se tratar de uma estratégia política diante da ascensão do nazismo. Em nosso caso, secundamos Simanke, para quem embora se perceba uma avaliação positiva das articulações biológicas que Freud fez entre psiquismo e cultura, a mesma avaliação positiva "pareceu frequentemente exigir uma desconsideração do contexto naturalista em que elas foram originalmente elaboradas, rebaixado a uma idiosincrasia ou excentricidade pessoal de Freud, um apelo sentimental ao ideal epistêmico adquirido na juventude, tornado anacrônico pelo próprio caráter revolucionário e 'subversivo' da teoria" (SIMANKE, 2009, p. 226)

metodológica que condicionava o avanço de hipóteses filogenéticas ao esgotamento das explicações ontogenéticas" (FERRETTI, 2014, p. 153). Nos parece razoável seguirmos as indicações apresentadas por esses autores a fim de melhor compreendermos o subtexto biológico nas afirmações de Freud sem, no entanto, julgarmos sua validade epistêmica, seu caráter anacrônico ou a relação que apresentaria com a vida pessoal de Freud. Contrariamente, o faremos no intento de encontrar um modo de percepção dos fenômenos da vida que teria orientado o olhar de Freud para os processos patológicos que este visualizara na clínica. Ou seja, o caráter normatizador que a biologia evolucionária a qual se fiou conferiu às suas considerações psicanalíticas.

Para indicar tal modo de operação teórica assumida por Freud, partiremos indicando brevemente e de modo sumário articulações que realizou entre os tempos presente e passado (ontogenia e filogenia) no entendimento de processos psíquicos. Em um segundo momento do artigo, indicaremos mais detidamente como o caráter normativo da biologia que utiliza se configura em *Visão de conjunto das neuroses de transferência*, texto redigido em 1915 durante o período em que esteve dedicado na formalização de sua metapsicologia.

## **O PASSADO EMERGE NO PRESENTE**

Os textos de Freud evidenciam recorrentemente como modelos evolucionários são subjacentes a um conjunto de elaborações sobre os fenômenos psíquicos, notadamente quanto ao caráter pervasivo de fenômenos do passado no tempo presente. Por exemplo, quando estados psíquicos são reportados enquanto resíduos do que seria a humanidade em seus primórdios. Como escreveu em *A interpretação dos sonhos*, "Parece que os sonhos e as neuroses conservaram, para nós, da Antiguidade da alma, mais do que poderíamos supor" (FREUD, 1900, p. 542). Há aqui uma chave de leitura interpretativa de elementos oníricos que parece se basear na pressuposição de rastros evolutivos arcaicos que não deixam de emergir com o transcurso do tempo. Esquemas semelhantes podem ser notados nas *Conferências introdutórias à psicanálise*, pronunciadas entre 1916 e 1917, nas quais sintetizou o percurso e as conclusões de sua disciplina. Ali reconheceu que "Repetidamente tenho sido levado a suspeitar que a psicologia das neuroses tem acumuladas em si mais antiguidades da evolução humana do que qualquer outra fonte" (FREUD, 1916-7, p. 373), lembrando em seguida à sua

plateia que o ser humano

Não é nada distinto do animal, nem algo melhor que este; procede da escala zoológica e é parente mais próximo de algumas espécies e mais distante de outras. Suas aquisições posteriores não conseguiram apagar os testemunhos de sua equiparação, notados tanto em sua constituição física quanto em suas disposições anímicas. (FREUD, 1916-7. p. 373)

A história evolutiva também exerceu certo papel na organização social, como considerou em *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), argumentando que "A renúncia progressiva aos instintos constitucionais, cuja ativação proporcionaria o prazer primário do ego, parece ser uma das bases do desenvolvimento da civilização humana" (FREUD, 1907, p. 1337). De forma semelhante nas *Considerações sobre a guerra e a morte* (1915a), Freud conferiu um papel importante às origens filogenéticas, ao sugerir que a aderência que os indivíduos estabelecem às exigências sociais e morais se dá devido a uma conformação psíquica resultante de nossa história enquanto humanidade:

[...] toda coerção interna que se faz sentir na evolução do homem foi tão só originariamente, isto é, na história da Humanidade, coerção exterior. Os homens que nascem hoje já trazem consigo certa disposição à transformação dos instintos egoístas em instintos sociais como organização herdada, a qual, obediente a leves estímulos, leva a cabo tal transformação [...] o indivíduo não se acha tão só sob a influência de seu meio civilizado presente, mas está submetido também à influência da história cultural de seus antepassados. (FREUD, 1915a, p. 2106)

Outro caso é o entendimento dos movimentos de massa. Para Freud, "A massa se mostra, pois, como uma ressurreição da horda primitiva. Assim como o homem primitivo sobrevive virtualmente em cada indivíduo, também toda massa humana pode reconstruir a horda primitiva" (FREUD, 1921, p. 2596).

Nos parece que tais excertos explicitam uma apropriação específica da noção de história evolutiva. Trata-se de uma história que continua, se repete, que não cessa de emergir e de se sobrepor, e que os impasses vividos pelos indivíduos na cultura poderiam ser também resultantes de conflitos entre o arcaico e a organização psíquica do presente. É nesse sentido que parecem figurar oriundas do modelo de natureza biológica sobre o qual Freud se amparou, pressuposições normativas que lhe indicariam tendências no funcionamento do psiquismo. Mas antes de explorarmos isso em *Visão de conjunto das neuroses de transferência*, na segunda parte deste trabalho, cabe situar a indicação de Haute e Geyskens (2016). Ao notar que os processos patológicos na psicanálise, quando evocados enquanto repetições, recapitulações ou mesmo fixações a

estágios anteriores do desenvolvimento revelam uma anterioridade estrutural da constituição humana, os autores reforçam um entendimento de Freud de que "a patologia expressa, de maneira exagerada, as forças e tendências que formam e determinam a nossa existência", de modo que a psicopatologia de Freud "nos mostra os elementos estruturantes da existência humana" (HAUTE; GEYSKENS, 2016, p. 19).

De fato, é possível notar que tais elementos estruturantes se vinculam a distintos referenciais biológicos evolucionários de sua época. Dentro os quais poderíamos citar o princípio biológico, hoje mais comumente identificado a Jean-Baptiste de Lamarck, da herança de caracteres adquiridos<sup>15</sup>; a tese de que "todo indivíduo de algum modo recapitulou de forma abreviada todo o desenvolvimento da raça humana" (FREUD, 1916-7)<sup>16</sup>; a hipótese evolucionista que atribuiu a Darwin, segundo a qual somos herdeiros de uma horda primeva presente nos primeiros agrupamentos de nossa espécie<sup>17</sup>; as concepções de Darwin e de H. Spencer quanto à expressão daemoções<sup>18</sup>,o

---

<sup>15</sup> Notadamente em *Moisés e o monoteísmo* (1939) e em *Totem e tabu* (1913c), mas outras aplicações podem ser encontrados em *O mal estar na civilização*, quando na seção IV procura justificar a configuração da família presente a partir das constituições dos primeiros agrupamentos humanos, dos quais herdamos a moral e a família que então nasceu (FREUD, 1930, p. 3038-49). Ou ainda, em *O eu e o isso*: "Os acontecimentos no *Eu*, em princípio, não são suscetíveis de constituir uma herança; mas quando se repetem com frequência e intensidade suficientes em indivíduos de gerações sucessivas, se transformam, por assim dizer, em acontecimentos do *Isso*, cujas impressões ficam conservadas hereditariamente (FREUD, 1923, p. 2716).

<sup>16</sup> Também conhecida como Lei Biogenética Fundamental, tese popularizada por Ernst Haeckel (1834-1919) e que viria a contribuir para a aceitação de pressupostos da teoria de Darwin que Haeckel se esforçava em popularizar nos países de língua alemã (HUXLEY, 1865). Freud a enuncia em vários pontos de sua obra, como em *Totem e tabu*, quando ao afirmar que "[...] a vida psíquica desses povos [selvagens] adquire para nós um interesse particular quando vemos nela uma fase anterior, bem conservada, de nosso próprio desenvolvimento" (FREUD, 1913c, p. 1747), observa traços do psiquismo infantil encontrados no neurótico, especialmente por este "[...] não ter conseguido libertar-se das condições infantis da psicosexualidade, ou seja, por ter voltado a elas (detenção do desenvolvimento ou regressão)" (FREUD, 1913c, p. 1758). Em publicação do mesmo ano, *O interesse da psicanálise*, enunciou que "A psicanálise se viu obrigada a deduzir a vida anímica do adulto a partir da criança, dando assim razão à afirmação de que a criança é o pai do homem" (FREUD, 1913b, p. 1862). Na mesma publicação, afirmou "Nos últimos anos veio à psicanálise que o princípio de que 'a ontogenia é uma recapitulação da filogenia' poderia ser também aplicável à vida anímica, e desta reflexão, surgiu uma nova aplicação do interesse de nossa disciplina" (FREUD, 1913b, p. 1863). Por fim, lembremos que ne *Interpretação dos sonhos*, Freud havia indicado implicitamente a teoria da recapitulação, afirmando que, em adição de 1919, o ato de sonhar evidencia "Em si uma regressão às mais precoces circunstâncias do sonhador, uma ressurreição de sua infância, com todos seus impulsos instintivos e suas formas expressivas. Atrás desta infância individual se permite a nós uma visão da infância filogenética e do desenvolvimento no qual o individual não é senão uma reprodução abreviada e influenciada pelas circunstâncias acidentais da vida" (FREUD, 1900, p. 679). Outros enunciados estão presentes em várias outras obras (FREUD, 1916-7, p. 2343; 1919, p. 2471; 1924, p. 2749; 1930, p. 2020). As particularidades dos usos da recapitulação por Freud podem encontradas em Gould (1977) e em Winograd (2007; 2013).

<sup>17</sup> Além de *Moisés e o monoteísmo* e de *Totem e tabu*, a continuidade de certos estados psíquicos decorrentes da horda primeva foi abordada no capítulo X de *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921), na *Autobiografia* (1925) e em *Reflexões para os tempos de guerra e de morte* (FREUD, 1915).

<sup>18</sup> Como em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, na intenção de estabelecer com maior precisão uma "explicação fisiológica do riso" (FREUD, 1905a, p. 1111), assim como especificamente a Darwin, no Caso Emmy, de *Estudos sobre a histeria*, quando cita o transbordamento de excitação excessiva, presente no trabalho de Darwin intitulado *Expressão das emoções nos homens e nos animais* (FREUD, 1895, pp. 55-89).

ainda a concepção de organização dos processos mentais em níveis evolutivos, concebida por Hughlings Jackson.<sup>19</sup>

Nos parece ser possível considerar que ao longo de suas investigações Freud não deixou de organizar sua leitura dos fenômenos patológicos a partir de um postulado que considera a existência da continuidade de uma história evolutiva que, de alguma maneira e com um caráter conflitivo, constitui e conforma o presente dos seres vivos. Desse modo, poderíamos encontrar, no âmbito de suas elaborações, o estabelecimento de uma relação identitária entre o passado e o presente, bem como a percepção de que os impasses psíquicos de algum modo seriam fomentados pela relação de diferença que um tempo evolutivo tem para com o outro. Além disso, seria possível notar nos quadros patológicos tendências humanas cuja defasagem temporal, ou anacronismos no modo de operação, demonstrariam não só os fundamentos evolucionários, mas sim, conforme anunciamos no início desse trabalho, uma norma emprestada da biologia a qual orientaria seu olhar. Veremos como esse traço normativo aparece no texto *Visão de conjunto das neuroses de transferência*, redigido em 1915, de modo que possamos indicar, ao final, as consequências que sua apropriação do modelo evolucionista exerceu em seu acolhimento dos processos patológicos.

### **A BIOLOGIA NORMATIVA NAS NEUROSES DE TRANSFERÊNCIA**

*Visão de conjunto das neuroses de transferência* é um dos textos de Freud que mais recentemente se teve notícia, vindo a público na década de 1980 (GRUBRICH-SIMITIS, 1987). Nele, o modo de leitura evolucionário, notadamente quanto à transformação das espécies ao longo das eras, é patente. Levando a teoria da recapitulação, bem como o princípio da herança de caracteres adquiridos, às últimas consequências, conseguimos no texto acessar de modo mais evidente o subtexto evolucionário que antecedeu a leitura de Freud sobre os processos patológicos. Procuraremos aqui mapear especificamente dois pontos, que de algum modo se interconectam, a partir do texto que nos dispomos a percorrer: como o patológico se

---

<sup>19</sup> A influência de suas obras aparece notadamente na *Monografia sobre as afasias* (FREUD, 1891) e nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b). Para mais detalhes dessa influência ver Caropreso (2010).

vincula a uma história maior que, em alguma medida o determinou e; de que forma a norma biológica filogenética induziria Freud a reconhecer traços normativos atinentes aos quadros patológicos.

Quase vinte anos após a publicação da primeira edição da *Interpretação dos sonhos*, Freud adicionou, ao final da seção B do capítulo 7, sua opinião quanto à contribuição da psicanálise para um campo fora da clínica e da medicina. Dizia que a regressão presente nas manifestações oníricas preserva os elementos da antiguidade da mente humana, pois "a psicanálise pode aspirar um lugar importante entre as ciências que se esforçam em reconstruir as fases mais antigas e obscuras dos primórdios da Humanidade" (FREUD, 1900, p. 679).

Para tal asserção, Freud se amparou em um conjunto de elaborações dedicadas a estabelecer a relação entre os tempos primevos e os atuais, manifestada nas neuroses e demais expressões psíquicas. Sabemos que quando fez esta adição à *Interpretação dos Sonhos*, em 1919, já havia publicado *Totem e tabu*, onde estendeu a psicanálise para os estudos da antropologia. Isso revela como julgou que a psicanálise pode ser uma ferramenta genealógica tal como as oriundas da biologia evolutiva, como a embriologia. Em *Visão de conjunto das neuroses de transferências*, rascunho enviado a Sándor Ferenczi em 1915, Freud parece levar às últimas consequências essa aplicabilidade da psicanálise, vinculando os quadros patológicos com a organização da cultura ao longo do período de ocupação da Terra pela nossa espécie.

O escrito em questão revela como Freud estabeleceu a reconstrução genealógica das diferentes neuroses a partir do entendimento de que os processos patológicos e a organização do psiquismo humano ressoam o passado filogenético. Por se tratar de um rascunho, é possível nele visualizar a relação de Freud com o evolucionismo de modo, digamos, mais direto, sem tratamento estilístico e sem atenuações de pontos de vista, levados, como dissemos, às últimas consequências. Como disse a Ferenczi na ocasião do envio do manuscrito, "não encontro em mim que não apenas uma qualidade de primeira ordem, um tipo de coragem que não é desviada pelas convenções" (BRABANT; FALZEDER, 1996, p. 66).

No rascunho, Freud comparou os quadros sintomáticos das neuroses com as diferentes organizações sociais que se estabeleceram ao longo dos períodos geológicos da Terra. Seu objetivo inicial era de inserir este trabalho como o último do conjunto de 12 textos metapsicológicos, de modo que pudesse abrigar uma síntese final dos outros

onze trabalhos<sup>20</sup>.

Embora essas elaborações de *Visão de conjunto das neuroses de transferência* juntamente às demais metapsicológicas deste período tenham sido entendidas por Jones como decorrente de aspectos que naquele momento assombravam Freud<sup>21</sup> e acabaram conduzindo-o a especulações mais ousadas (JONES, 1988, p. 197), não nos parece que as elaborações filogenéticas de Freud se tratavam exclusivamente de uma reação às questões pessoais que enfrentava. É mais possível, pelo contrário, e a partir do que apresentamos na primeira parte deste trabalho, que as especulações metapsicológicas estavam vinculadas a elementos de seu trabalho enquanto clínico e teórico, assim como faziam parte de um referencial comum partilhado por seu círculo intelectual.

Para apresentar o manuscrito, utilizamos aqui uma carta de Freud a Ferenczi, enviada em 12 de junho de 1915, onde apresentou a ideia central que iria compor o décimo segundo ensaio metapsicológico, enviado ao colaborador alguns dias depois. Na carta anunciou que a ordem cronológica do aparecimento de neuroses – histeria de angústia, histeria de conversão, neurose obsessiva, demência precoce, paranóia e por fim, melancolia-mania – diz respeito a disposições libidinais deixadas pela história evolutiva. Explicou também que quanto mais posterior for o aparecimento da neurose (por exemplo, a melancolia-mania que se manifesta especialmente na idade madura, em comparação com a histeria de angústia, mais associada à infância) mais precoce é a fase do desenvolvimento filogenético à qual a fixação se vinculará. Freud concluiu que "esta sucessão, parece repetir, no sentido filogenético, um desenrolar histórico. As neuroses atuais seriam outrora estágios da evolução da humanidade" (BRABANT; FALZEDER, 1996, p. 77). No manuscrito que alguns dias depois Ferenczi recebeu, podemos ver como o entendimento da transmissão de acontecimentos ocorridos na história, bem como de uma ideia de evolução anímica, são fundamentais para uma leitura normativa por Freud

---

<sup>20</sup> Ele se referiu a esta empreitada de diferentes maneiras nas correspondências com Jones, Abraham e Ferenczi (JONES, 1989/1961). Segundo Jones, "Ele dava a este trabalho títulos variados: *Zur Vorbereitung der Metapsychologie (Introdução à metapsicologia)*, *Abhandlungen zur Vorbereitung der Metapsychologie (Ensaio preparatório para a metapsicologia)*, et *Uebersicht de Uebertragungsneurosen (Estudo geral das neuroses de transferência)*" (JONES, 1988, p. 197). Freud chegou a publicar cinco desses doze ensaios, todos redigidos em 1915: *Suplementos metapsicológicos à teoria dos sonhos*, *Luto e melancolia*, *A repressão*, *O inconsciente e Pulsões e os destinos das pulsões*.

<sup>21</sup> Como a necessidade de alimentar as revistas de psicanálise ameaçadas pela guerra, o isolamento intelectual desta decorrente, a velhice, sua crença de que não teria muitos anos de vida e o desejo de estabelecer uma grande síntese da psicanálise. Elementos que podem de fato serem lidos no epistolário de Freud com Jones (PASKAUSKAS, 1998, p. 374).

dos quadros patológicos analisados.

O manuscrito se divide em 6 seções que explicam as neuroses de transferência<sup>22</sup>, cada qual explorando elementos que atravessam, em verdade, toda a sua psicanálise: a repressão, o contrainvestimento, a formação de substitutos e de sintomas, a relação com a sexualidade, a regressão e a disposição às neuroses<sup>23</sup>. No entanto, ao abordar o último elemento, a disposição, Freud aumentou o escopo das neuroses que inicialmente se dedicara a percorrer, adicionando à análise das três neuroses de transferência, uma análise das neuroses narcísicas: demência precoce, paranoia e melancolia-mania. Freud julgou necessário ampliar a análise prevista para o domínio das neuroses de transferência, dado que suas características se destacam “por contraste com as neuroses narcísicas” (FREUD 1915b, p. 71). Para ele, “Com essa ampliação de horizonte, chegaria ao primeiro plano o relacionamento do eu com o objeto – o apego do objeto apareceria como o elemento discriminador comum” (1915b, p. 70-1). Vemos que Freud introduziu a filogênese especialmente ao abordar os fenômenos da regressão e da disposição e, ao traçar os paralelos entre as neuroses e a história evolutiva da espécie humana, apoiou-se especialmente em princípios como o da herança dos caracteres adquiridos e o da teoria da recapitulação.

No rascunho, observamos que as contingências geradas por cada contexto ambiental fizeram com que os agrupamentos humanos produzissem um modo de viver, de socializar e de pensar específicos, os quais foram transmitidos para as gerações seguintes. Conseqüentemente, a humanidade atual passa a ser herdeira de diferentes estatutos psíquicos formados em tempos remotos e que foram se sobrepondo uns aos outros. Todos estes modos de organização seguem coexistindo nas próximas gerações, no entanto, emergem em determinados contextos, como os da patologia. Dessa forma, parece a Freud “[...] legítimo supor que as neuroses também devem testemunhar a história do desenvolvimento mental da humanidade” (1915b, p. 72). Um dia partilhada por todos, certas organizações primevas do psiquismo sobrevivem e aparecem nas neuroses. Assim, “[...] todos os seres humanos eram como apenas alguns são hoje, em virtude de sua tendência hereditária por neoaquisição” (1915b, p. 13). Cada patologia

---

<sup>22</sup> Neurose de angústia, histeria de conversão e neurose obsessiva.

<sup>23</sup> Conforme observou Corrêa (2013), com relação aos três primeiros fatores (repressão, contrainvestimento e formação de substitutos/sintomas), as considerações de Freud no manuscrito repetem a análise que este já havia feito em *A repressão* e na seção IV de *O inconsciente*.

pode, portanto, ter se iniciado em um momento específico da história da espécie humana. Foi o fenômeno da regressão que permitiu a Freud um retorno ao passado. Algo que ele já havia indicado em *A disposição à neurose obsessiva*:

A ordem na qual geralmente se expõem as formas principais das psiconeuroses - histeria, neurose obsessiva, paranóia, demência precoce - corresponde (ainda que não com absoluta exatidão) à ordem temporal do aparecimento dessas afecções na vida humana. (FREUD, 1913a, p. 1739)

Observemos que no manuscrito que aqui exploramos, Freud estabeleceu tais relações com mais precisão. Na histeria de angústia o indivíduo “regride a uma histeria infantil” (1915b, p. 69), enquanto que na histeria de conversão há uma regressão do eu “a uma fase onde não há separações entre o pcc e ics, portanto sem linguagem e sem censura” (1915b, p. 70). Na neurose obsessiva a regressão se dá por uma “intensa fixação constitucional ou por um desenvolvimento incompleto” (1915b, p. 70). Assim, dado que se trata de um fenômeno comum das neuroses, se propôs a investigar o que está “atrás da regressão [...] os problemas de fixação e de disposição” (FREUD, 1915b, p. 70)<sup>24</sup>.

Freud considerou que a regressão “[...] retrocede até um ponto de fixação do desenvolvimento do eu ou da libido. [...] [Sendo a disposição] o elemento mais influente que intervém na decisão sobre |a| escolha da neurose” (1915b, p. 70). Isso porque a fixação é produzida “pela fase do desenvolvimento que foi demasiadamente marcada, ou talvez detida por um tempo excessivamente longo para que possa passar para a fase seguinte” (1915b, p. 70). Mas qual seria a origem dessa fixação? Para Freud há ao menos dois fatores concorrentes:

Tanto pode haver a possibilidade de que tal fixação simplesmente |seja|

---

<sup>24</sup> Laplanche e Pontalis (2008, p. 441) indicaram que o fator temporal da regressão “inicialmente implícito vai assumindo importância cada vez maior com as contribuições sucessivas de Freud acerca do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo”. Na *Interpretação dos sonhos*, por exemplo, vemos que Freud adicionou um parágrafo em 1914 para detalhar esse fenômeno. Na ocasião, indicou semelhança entre o fenômeno regressivo dos sonhos com o das neuroses e apresentou três tipos de regressão: tópica (relativa ao sistema psi), temporal (no retorno a formações psíquicas anteriores) e formal (quando as formas de expressão são substituídas por formas correspondentes primitivas). Para Freud, “Essas três classes de regressão são no fundo uma mesma coisa, e coincidem com a maioria dos casos, pois o mais antigo temporalmente é também o primitivo em ordem formal, e o mais próximo, na tópica psíquica, ao extremo da percepção” (FREUD, 1900/1981). Um ano antes a essa adição, Freud publicou *A disposição à neurose obsessiva*, onde também fez referências mais diretas à regressão. Delas, destacamos a constante possibilidade de retorno a fases evolutivas anteriores, aparentemente superadas: “uma vez estabelecida a organização sexual que contém a disposição à neurose obsessiva, não é nunca mais superada; no nosso caso, foi substituída pela fase evolutiva superior e volta em seguida a ativar, pela regressão, desde esta última” (FREUD, 1913a, p. 1741).

congênita, como produzida por impressões precoces e, finalmente, de que ambos os fatores estejam associados. Tanto mais porque, pode-se afirmar, ambos os fatores são efetivamente ubíquos, já que, [por um lado] existem na constituição da criança todas as disposições e, pelo outro, as impressões eficazes atingem igualmente a muitíssimas crianças. (FREUD, 1915b, p. 70-1)

Assim, reforçou novamente certa onipresença tanto da disposição quanto das experiências capazes de gerar as neuroses. Adicionou em seguida, apoiado em um princípio que associou a Lamarck, que aquilo que é constitucional de uma fixação não está separado do adquirido, mas na verdade “retroage para um passado ainda mais remoto, já que se pode justamente afirmar que as disposições herdadas são restos das aquisições dos antepassados” (FREUD, 1915b, p. 71). Pode-se, portanto, dizer que “não há contradição quando o indivíduo adiciona às suas disposições herdadas, baseadas em vivência anterior, as disposições recentes derivadas de vivências próprias”,<sup>25</sup> pois para ele, entre o inato e o adquirido, “Parece muito mais [haver] uma complementação necessária” (FREUD, 1915b, p. 71)<sup>26</sup>.

Em seguida, lembrou que apesar de ter demonstrado em seu ensaio *Sobre os dois princípios do funcionamento mental* que os impulsos sexuais do desenvolvimento humano são diferentes dos impulsos do eu, notou que esses últimos têm uma gênese mais difícil de mapear, donde provém a necessidade de proceder a investigação da história da evolução do eu na direção inversa, ou seja, do presente para o passado. Assim, conjecturou que:

[...] a história do desenvolvimento da libido repete uma parte do desenvolvimento [filogenético] bem mais antiga do que o do eu, o primeiro talvez repetindo as condições dos animais vertebrados, enquanto o último depende da história da espécie humana. (FREUD, 1915b, p. 73)

---

<sup>25</sup>Há uma formulação semelhante na *Conferência XXIII*, onde abordou essa questão indicando a possibilidade de contínuas adições à herança filogenética: “As disposições constitucionais são incontestavelmente efeitos distantes de acontecimentos vividos por nossos ascendentes; isto é, caracteres adquiridos um dia e transmitidos depois por hereditariedade. Esta última não existiria se antes não tivesse havido aquisição, e não podemos admitir que a faculdade de adquirir novos caracteres suscetíveis de serem transmitidos pela hereditariedade termine precisamente na geração de que nos ocupamos” (FREUD, 1916-7, p. 2347).

<sup>26</sup>Dois anos antes de escrever o rascunho, Freud fez uma elaboração condizente a esta em *A disposição à neurose obsessiva*: “Nas causas patológicas da neurose distinguimos duas classes: aquelas que o homem traz à vida consigo - causas constitucionais - e aquelas outras que a vida aporta a ele - causas acidentais -, sendo preciso, geralmente, a colaboração de ambas as ordens de causas para que surja a neurose” (FREUD, 1913a, p. 1738).

Assim, apresentou as psiconeuroses em uma ordem de acordo com o momento em que aparecem na história individual dos indivíduos (ou na história ontogenética), afinal, como remarca Freud, cada uma surge em períodos bastante específicos: a histeria de angústia e a de conversão aproximadamente aos 4 anos, a neurose obsessiva entre 9 e 10 anos, a demência precoce na puberdade, a paranóia e a melancolia-mania no período da maturidade. No entanto, como já havia adiantado a Ferenczi na carta que relatamos acima, as fixações que cada neurose apresenta ocorrem em uma sequência contrária à história filogenética, ou seja, quanto mais tarde se apresentar a neurose (como as que aparecem na maturidade), para um tempo mais precoce do desenvolvimento da libido ela irá se reportar:

A histeria de conversão orienta-se contra o primado dos genitais; a neurose obsessiva, contra a fase anterior sádica; todas as três neuroses de transferência, contra o pleno desenvolvimento da libido. As neuroses narcisistas, por sua vez, retrocedem às fases anteriores ao encontro do objeto: a demência precoce regride até o auto-erotismo. A paranóia, até a escolha homossexual e a narcisista de objeto; a melancolia baseia-se na identificação narcisista com o objeto. (FREUD, 1915b, p. 73-4)

O próximo passo de Freud no manuscrito foi o de propor “estabelecer uma outra sequência”, em contraponto à ontogenética, ou seja, a filogenética. Para isso baseou-se na ideia de que em algum momento “o primata teria passado sua existência num ambiente rico, satisfazendo todas as suas necessidades” (1915b, p. 74), e que em seguida, com o aparecimento das glaciações, privações foram impostas, oportunizando assim o desenvolvimento cultural. Isso porque reconheceu na histeria de angústia e de conversão, assim como na neurose obsessiva “regressões a fases pelas quais toda a espécie humana teve que passar do começo ao fim dos tempos glaciais” (1915b, p. 74).

Nesse momento chamamos a atenção para o posicionamento de Freud sobre os estados patológicos a partir do enquadre filogenético que desenvolveu até esse ponto do texto: “Assim como naquela época todos os homens passavam por essa experiência, hoje somente uma parcela passa em virtude da predisposição herdada acionada por novas experiências” (1915b, p. 74).

No entanto, a neurose não apresenta apenas uma fotografia, ou um quadro estanque do que fora a humanidade em determinado ponto da história. A neurose, disse Freud, “contém mais do que a regressão traz consigo” (1915b, p. 74). Adiantou que os quadros neuróticos recebem uma composição que está vinculada com essa história

pregressa da espécie, afinal, “Ela é também a expressão da resistência contra essa regressão, um compromisso entre as coisas antigas dos tempos primitivos e a exigência do culturalmente novo” (1915b, p. 75). Indicou o conflito atuando na dimensão da neurose. Um conflito que, conforme entendeu, refere-se especialmente à diferença ou a uma incompatibilidade entre dois tempos, cujo psiquismo, através da neurose, consegue estabelecer um compromisso entre o arcaico e o atual.

No diálogo entre o arcaico e o atual, a série cronológica que apresentou na última parte do texto permite bem visualizar uma causalidade filogenética operando na estruturação do psiquismo humano. Os acontecimentos históricos de algum modo estruturaram formas patológicas, visto que as intempéries ambientais criaram restrições para a vida em sociedade, justificando a fixação de certos quadros patológicos a determinados pontos do desenvolvimento. A esta altura propomos uma atenção aos acontecimentos históricos supostos por Freud, cada qual criando condições para uma das seis neuroses (narcísicas e de transferência) que apresenta no rascunho em questão. Vislumbremos os traços normativos que são inseridos na leitura das manifestações:

1) A influência das privações da era glacial tornou a humanidade angustiada, dado que o mundo externo deixou de ser amistoso ao transformar-se em um espaço dotado de riscos iminentes. Assim teria surgido a angústia real diante de qualquer fato novo. Apesar da libido sexual não ter perdido seus objetos humanos “compreende-se que o eu ameaçado na sua existência acabaria desistindo, até certo ponto, do investimento objetal” (FREUD, 1915b, p. 75). Isso fez com que se mantivesse a libido no eu, transformando-se em angústia real o que antes havia sido objetal. Freud exemplificou tal situação com o que aparece no presente relacionado à angústia infantil: a criança transforma (no caso da ausência de satisfação) a libido objetal em angústia real. Por conta disso, a criança tende a angustiar-se diante de qualquer coisa nova. A perspectiva filogenética permite reconhecer que há uma angústia real que também permite considerar:

Que uma parcela das crianças traz consigo aquele temor primitivo da era glacial, o que induz a tratar a libido insatisfeita como um perigo externo [...] a discussão sobre a histeria de angústia falaria a favor da preponderância da disposição filogenética sobre todos os demais fatores. (FREUD, 1915b, p. 75)

2) A continuação dos tempos difíceis da glaciação teria ameaçado a existência

do homem primitivo, o qual precisou “resignar-se diante do conflito entre a autopreservação e o prazer de procriar” (FREUD, 1915b, p. 76). Para Freud, esse conflito encontra expressão “na maioria dos casos típicos de histeria” (FREUD, 1915b, p. 75). Observou que diante das limitações alimentares do período glacial, as hordas não poderiam expandir-se, e uma matança dos recém-nascidos oriunda dessa condição “certamente encontrou resistência no amor, particularmente das mães narcisistas. Daí a limitação da procriação tornou-se um dever social” (FREUD, 1915b, p. 76). No entanto, as satisfações perversas não escapavam às proibições, o que promoveu uma regressão da libido a uma fase anterior ao primado dos genitais. Para justificar a constância da histeria de conversão nas mulheres, Freud supôs que a influência das proibições nas mulheres foi mais forte, pois elas carregavam mais duramente as consequências da relação sexual:

Essa situação toda corresponde evidentemente às condições da histeria de conversão. Da sintomatologia da mesma deduzimos que o homem ainda não possuía fala, quando, vencido pela necessidade, se impôs não procriar, portanto ainda não havia erigido o sistema ps acima do ic. (FREUD, 1915b, 76)

3) A linha de continuidade dessas etapas chega ao homem que, depois de ter aprendido a poupar sua libido da necessidade de regressar a uma fase anterior, a inteligência passou a ocupar um papel principal. Através dela passou a pesquisar, inventar e engendrar soluções para lidar com as forças do mundo. “A linguagem era para ele magia. Seus pensamentos pareciam-lhe onipotentes; compreendia o mundo através de seu próprio eu. É a época da concepção anímica do mundo e de sua técnica mágica” (FREUD, 1915b, p. 76-7). Consequentemente, seu domínio e poder para proteger a vida dos demais da horda, era ilimitado, levando ao aparecimento das duas primeiras normas: (1) sua inviolabilidade enquanto chefe da horda e; (2) o direito a todas as mulheres. O homem que dominava tais hordas era “sábio, forte e brutal, como o pai”. Para Freud, as considerações da psicologia de grupo não existiriam não fosse esse momento histórico e conseqüente difícil percurso das origens da humanidade. Com relação aos processos patológicos, é a neurose obsessiva que repetiria esse momento da história evolutiva, pois suas características são resistências a esse retorno. Observemos que Freud as considera como “traços não modificados: acentuação exagerada do pensar; a energia gigantesca, retornando na compulsão, a onipotência do pensamento; a

tendência para leis invioláveis” (FREUD, 1915b, p. 77). Esse tipo foi “o mais valioso para o desenvolvimento da cultura, em seu retorno, diante das exigências da vida social” (FREUD, 1915b, p. 78).

Em seguida Freud entrou no campo das neuroses narcísicas, sem deixar de reconhecer que haveria uma limitação dessa hipótese filogenética para tal trato. Ele considera que as neuroses narcísicas foram adquiridas em uma geração posterior a esta, levando a uma fase seguinte da cultura humana. Assim:

4) Surge a geração dos filhos daquele pai que nada permitia a eles. A experiência da psicanálise mostrou que para manter sua autoridade o pai castrava os filhos, mantendo-os como inofensivos trabalhadores. O efeito da castração geraria uma parada no desenvolvimento individual e a extinção da libido. A demência precoce seria o quadro patológico correspondente pois “parece repetir esse estado de coisas, e, principalmente na forma hebefrênica, leva à desistência de qualquer objeto de amor, involução de todas as sublimações e volta ao erotismo” (FREUD, 1915b, p. 78). Mas como ocorreria a sucessão e substituição do pai tirânico? São os filhos mais novos que, graças à intercessão da mãe e ao envelhecimento do pai, poderiam substituí-lo. Mesmo que contemporaneamente a preferência pelo mais jovem tenha sido substituída pelo filho mais velho, vemos nos contos de fada e no mito o lugar privilegiado do caçula, reforçando um lugar antes ocupado na história filogenética e que emerge na estrutura psíquica do presente.

5) A fase seguinte é caracterizada pela fuga dos filhos ameaçados de castração, cuja fraternidade os fortaleceu na luta pela vida, criando condições para o aparecimento de satisfações homossexuais. Nos deparamos, afirmou Freud, “com a tão procurada disposição hereditária à homossexualidade na transmissão das condições dessa fase” (FREUD, 1915b, p. 79). Os sentimentos sociais seriam a sublimação dessa fase homossexual. Tal sublimação torna-se a “propriedade permanente da humanidade e a base de toda sociedade futura” (FREUD, 1915b, p. 79). A paranoia opera como uma defesa ao retorno desse momento, na tentativa de repelir a homossexualidade, base dessa fraternidade.

6) O último quadro patológico que Freud mapeou no rascunho foi a melancolia-  
mania que, por ser mais comum na idade adulta que na infância, pode estar relacionado com o triunfo e o luto presente nas festividades religiosas. Cerimonias que na verdade repetem um comportamento de fraternidade e luto que surgiu a partir da

morte do pai tirânico. O luto emana da identificação que é condição para o mecanismo da melancolia. O parricídio que pôs fim à horda primitiva, “a substituiu pela fraternidade vitoriosa” (FREUD, 1915b, p. 80), dando origem “às predisposições da peculiar sucessão de estado de ânimo que reconhecemos como particulares afecções narcísicas ao lado das parafrenias” (FREUD, 1915b, p. 80).

Ao terminar a correlação entre os fatos históricos e as disposições às neuroses de transferência, Freud observou uma extensão dos efeitos da opressão do pai à segunda geração. Enquanto na primeira geração há uma luta patriarcal, na segunda há uma luta social: “Ambas, contudo, produzem fixações, as quais, em seu retorno, após milênios, transformam-se nas disposições dos dois grupos de neuroses.

Portanto, neste sentido, “a neurose é também uma aquisição cultural” (FREUD, 1915b, p. 79). Freud indicou que a cultura e a neurose são indissociáveis, especialmente quando traçou a genealogia da neurose na cultura, entendendo a espécie humana como aberta a novas aquisições:

As coisas não se passam de maneira a que as constituições arcaicas retornem hoje em indivíduos, por exemplo, em proporções pré-estabelecidas, empurrando-os para a neurose através do conflito com as exigências atuais. Há lugar para novas aquisições e novas influências, as quais não conhecemos. (FREUD, 1915b, p. 82).

Pode-se notar, no entanto, que mesmo aberto a compreender novas aquisições, o argumento de Freud baseia-se na continuidade de elementos originais da história humana no presente, emergindo em momentos específicos da história ontogenética.

Conforme observou Corrêa, em Freud a suposição de tal continuidade que se sustenta foi construída a partir de situações clínicas (como a resistência, a transferência), das formas patológicas (as neuroses), da organização cultural (a religião, os movimentos de massa). Para a autora, Freud se sustentou em tais especulações no pressuposto de que:

Os elementos que não se adaptam à civilização são considerados elementos originais das disposições do homem civilizado. É, portanto, o arcaico em cada um de nós (já que a neurose apenas acentua o que existe em todos) que servirá como material para a construção da história da civilização. (CORRÊA, 2013, p. 3)

Nos parece que o rascunho de 1915 permite notar como Freud concebeu que dos acontecimentos marcantes em tempos primevos pode-se observar algo que atravessou a história da espécie humana. Além disso, a conservação de uma experiência passada

seria de um elemento fundamental para a caracterização da estrutura psíquica dos seres humanos dado que há uma base comum do psiquismo humano oriunda de acontecimentos primevos. Estes determinaram de algum modo o funcionamento psíquico em suas tramas universais, em seus processos de simbolização, de manifestação dos sintomas, dos sonhos, dos movimentos culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manuscrito *Visão de conjunto das neuroses de transferência* nos parece emblemático para indicar o modelo de história evolutiva que encontramos na obra de Freud, assim como a normativa que pressupõe a sobrevivência, continuidade e pervasividade do passado no presente. O que se pode notar é que a busca pelas origens do patológico se vincula à compreensão evolucionária a qual Freud se fiou. Como vimos, para Freud há um ponto da história filogenética onde a espécie humana se tornou capaz de ter sintomas, de adoecer, de constituir quadros patológicos, mas ao mesmo tempo, de viver em sociedade, de partilhar, de produzir arte, de trabalhar. Outrossim, a norma evolucionária parece indicar uma tendência de reação de cada grupo de indivíduos, representados pela nosografia empregada por Freud, às coações do meio.

Sua apropriação evolucionária chancelou um entendimento estrutural específico da natureza humana: a constante inscrição do passado no presente, através de interrupções do desenvolvimento psíquico, de regressões deste, bem como de coexistências de distintos estágios evolutivos. Nesse ponto, podemos dizer que o uso de prerrogativas evolucionárias parece ter indicado a Freud uma natureza humana que tende a repetir, a regredir e a retomar a estados arcaicos de seu desenvolvimento. O processo patológico não parece adicionar, no recorte que fizemos, elementos novos à história da espécie, mas sim repeti-la anacronicamente. Embora Freud tenha reconhecido a possibilidade de adição de elementos novos à história evolutiva em pontos específicos de sua obra - que indicamos acima, notadamente quando considera que o herdado outrora foi adquirido -, não parece haver a interpretação de que manifestações patológicas de pacientes tratem-se da proposição de elementos novos à história da espécie. O que vemos são as considerações que faz do patológico enquanto repetições e emergências do passado no tempo presente. Como o percurso evolutivo desenhado em *Visão de conjunto das neuroses de transferência* demonstrou, quando há um elemento novo na história, ou seja, uma evolução, esse elemento parece referir-se a

uma norma muito específica valorizada por Freud, referente ao progresso da razão, da racionalidade, da civilidade entre os cidadãos. Progresso que, seguindo os princípios haeckelianos<sup>27</sup>, estaria de algum modo presente nas tendências originárias da espécie humana. As marcas normativas do evolucionismo seguido por Freud podem ser vistas, portanto, na operação de desqualificar manifestações que não avançam conforme as expectativas de sociedade e cultura consideradas nos escritos freudianos, como a famosa sublimação via amor e trabalho indicada em *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930). Enfim, na normativa evolucionária adotada por Freud que aqui descrevemos, o irracional ou a ruptura com certos padrões de civilidade seguiriam significando uma regressão ou uma manifestação primitiva ou infantil da mente humana, e não a proposição de uma nova expressão à história da espécie ou mesmo de uma crítica a seus modos de conceber a vida.

#### REFERÊNCIAS

BALAN, Bernard. *L'ordre et le temps*. Paris: J. Vrin, 1979.

BOCCA, Francisco Verardi. Comte com Freud - possibilidades de pensar a história. In: FONSECA, E. R.; BOCCA, F. V.; ALMEIDA, R. M.; LOPARIC, Z. (orgs.) *Pluralismo na Psicanálise*. Curitiba: PUCPress, 2016.

BRABANT, Eva; FALZEDER, Ernst. *Sigmund Freud, Sándor Ferenczi: Correspondance*. Tome II (1914-1919). Paris: Calmann-Lévy. 1996.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6. ed. Revisada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

CAROPRESO, Fátima. A influência de Hughlings Jackson sobre a teoria freudiana da memória e do aparelho psíquico. In: MURTA, Claudia; BOCCA, Francisco Verardi; SIMANKE, Richard Theisen (orgs.) *Psicanálise em perspectiva II*. Curitiba, CRV, 2010.

CORRÊA, Fernanda Silveira. *História hipotética da espécie humana: o processo de hominização nos tempos glaciais e na horda primitiva*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

FERRETTI, Marcelo Galletti. *Ontogênese e filogênese em freud: uma visão de conjunto*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014.

FREUD, Sigmund (1891). *Las Afasias*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

<sup>27</sup> E comteanos também, conforme mostrou Bocca (2016)

\_\_\_\_\_. (1895) Estudios Sobre la Histeria. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1900) La Interpretación de los sueños. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1905a) El chiste y su relación con lo inconsciente. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1905b) Tres ensayos para una teoría sexual. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1907) Los actos obsesivos y las prácticas religiosas. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1913a) La disposición a la neurosis obsesiva: una aportación al problema de la elección de neurosis. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1913b) Multiple interes del psicoanálisis. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1913c) Tótem y Tabú. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1915a) Consideraciones de actualidad sobre la guerra y la muerte. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1915b) *Neuroses de transferência*: uma síntese (manuscrito recém-descoberto). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

\_\_\_\_\_. (1916-7) Psicoanálisis. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1919). Pegan a un niño: aportación al conocimiento de la genesis de las perversiones sexuales. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1921) Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1923) El “yo” y el “ello”. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1924) La disolución del complejo de Edipo. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1925) Autobiografía. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1930) El malestar en la cultura. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

\_\_\_\_\_. (1939) Moisés y la religión monoteísta: tres ensayos. In: *Obras Completas*. 4. Ed. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.

GOULD, Stephen Jay. *Ontogeny and phylogeny*. Cambridge (Mass., Estados Unidos): Belknap Press of Harvard University Press, 1977.

GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. Metapsicologia e Metabiologia: para o rascunho de Sigmund Freud sobre “Neuroses de transferência: uma síntese”. In: *Neuroses de transferência: uma síntese* (manuscrito recém-descoberto). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

HAUTE, Philippe Van; GEYSKENS, Tomas. *Psicanálise sem Édipo: uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HUXLEY, T. Letter no. 4838. In: *Darwin Correspondence Project*, 1865. Disponível em: <http://www.darwinproject.ac.uk/DCP-LETT-4838>. Acesso em 10 Out 2016.

JACOB, François. *La logique du vivant : une histoire de l’heredité*. Paris : Gallimard, 1970.

JONES, Ernst. *La vie et l’oeuvre de Sigmund Freud: II Les années de maturité (1901-1919)*. 4. ed. PUF: Paris, 1988.

\_\_\_\_\_. *A vida e a obra de Sigmund Freud: Última fase (1919-1939)*, vol.3. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

KELLY, Alfred. *The descent of Darwin: The popularisation of Darwinism in Germany, 1860-1914*. The University of North Carolina Press, 1981.

KRIS, Ernst. Freud in the history of science. *The Listener*. N. 55. Londres: BBC, maio 1956.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MONZANI, Luiz Roberto. A “fantasia” freudiana. In: PRADO Jr, Bento. (org.) *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PASKAUSKAS, R. Andrews. *Sigmund Freud - Ernst Jones: Correspondance complète (1908-1939)*. Paris: PUF, 1998.

RAPAPORT, David. *A estrutura da teoria psicanalítica*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

RITVO, Lucille. B. *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

SIMANKE, Richard Theisen. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*. V. 7, n. 2, p. 221-35, 2009.

SLAVET, Eliza. Freud’s ‘Lamarckism’ and the Politics of Racial Science. *Journal of SOFIA* (ISSN 2317-2339), VITÓRIA (ES), v.9, n.2, p. 99-120, DEZ/2020

*the History of Biology*. 41: 37-80, 2008.

SULLOWAY, Frank. *Freud: biologist of the mind*. 2. ed. Harvard University Press, 1992.

WINOGRAD, Monah. Freud e a filogenia anímica. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*. V. 19, n. 1, p. 69-82, jan-jun, 2007.

\_\_\_\_\_. *Freud e a fábrica da alma: sobre a relação corpo-psiquismo em Psicanálise*. Curitiba: Appris, 2013.

Recebido em: 31/08/2020

Aceito para publicação em: 15/09/2020